

MARATONA DE NOVA YORK



ROBERTA UCHÔA

Professora do Departamento de Serviço Social / UFPE

Domingo, 06 de novembro de 2005, às 10:10 da manhã, ao som da música "New York, New York", foi dada a largada para mais uma Maratona de Nova York, uma das mais famosas provas do esporte mundial, que é acompanhada nas ruas da cidade por mais de 2 milhões de pessoas e pela TV, por centenas de milhares de espectadores no mundo todo. Eu estava lá, junto a 37 mil corredores de mais de 120 nações. Aquela era a jornada final de 06 meses de longos, árduos e solitários treinos no calçadão da praia de Boa Viagem.

Mais cedo, ainda na concentração, nas cercanias do "Fort Wadsworth", no bairro de Staten Island, via-se nos rostos de homens e mulheres de diferentes idades, raças, etnias e religiões o êxtase de estarem ali. Os grupos de brasileiros rapidamente se formavam e a conversa, ôbvio, era sobre as expectativas de tempo para completar a prova, planilhas de treinos, modelos de sapatos, suplementos nutricionais, relógios e toda a parafernália que a "indústria da corrida" pode criar.

Minutos antes da largada, vestida com o uniforme da seleção brasileira de futebol, para esconder o meu nervosismo, eu brincava com um grupo de alemães afirmando que no próximo ano adicionaríamos mais uma estrela à nossa camisa com a vitória do Brasil na Copa da Alemanha, contra os alemães!

Após o tiro de canhão dando a largada, a emoção tomou conta de todos, que tinham muitos quilômetros pela frente, cruzando 05 bairros e 05 pontes da "Big Apple". A largada na cabeceira de uma das mais longas e altas pontes dos Estados Unidos, a "Verrazano-Narrows Bridge", com uma vista de tirar o fôlego, era o prenúncio de que eu teria "the time of my life".

Ao longo de todo o percurso, milhares de pessoas saudavam efusivamente os corredores. Muitas delas distribuíam água, frutas, doces, chicletes e até lencinhos de papel para enxugarmos o suor. Diversos grupos musicais de rock, rap, salsa, calipso, música escocesa e capoeira animavam nossa passagem. Os gritos de incentivos aos corredores, sobretudo, o "go Brazil", e a alegria das crianças com os braços esticados para que tocássemos suas pequenas mãos vão ficar para sempre na minha memória.

Ao cruzar a primeira ponte, os corredores entraram no sul do Brooklyn, com suas desigualdades sociais e diferentes comunidades. Nos quase 20 quilômetros percorridos no bairro, passamos por ruas de brancos "caucasianos", de latinos, afro-americanos e judeus. As áreas de classe média tinham ruas largas e arborizadas, e as pobres, sobretudo as negras, apresentavam casas em ruínas, becos sujos e estreitos.

Quando finalmente deixamos o Brooklyn, após cruzarmos a segunda ponte,

passamos rapidamente pelo bairro de Queens, uma árida área industrial e de grandes armazéns. Saimos do bairro através de uma velha, longa, estreita e esburacada ponte de ferro, que passa por cima de uma ilha, a Roosevelt Island, local do último filme de Walter Sales. Ao deixarmos a ponte, entramos pela primeira vez em Manhattan. Ao contrário do Brooklyn, Manhattan era a mais pura expressão da miscigenação da cidade de Nova York, "the melting pot". Seguimos para o norte na Primeira Avenida. Este foi o trecho mais árduo da prova. A marca dos 30 quilômetros, conhecida como "a barreira", aproxima-se. Por ter estudado bem o percurso da prova, sabia que quanto mais ao norte eu fosse, teria que voltar todo o percurso para a chegada no sul do Central Park. Foi uma felicidade receber da organização da prova neste trecho, além de água e isotônico, um suplemento de carboidrato em gel e esponjas ensopadas com água gelada para aliviar o calor dos cerca de 20º graus do outono de Nova York.

Ao final da Primeira Avenida, cruzamos mais uma ponte e entramos no Bronx. Para minha satisfação, o bairro negro tantas vezes noticiado e filmado mostrando a sua degradação, parecia ter passado por uma grande obra de restauração e continuava negro. Deixamos o Bronx também por uma ponte, desta vez a última, e mais uma vez entramos em Manhattan. Apesar de estar na Quinta Avenida, eu só pensava no calçadão da praia de Boa Viagem quando as sinalizações começaram a mostrar os quilômetros em contagem regressiva. Cinco quilômetros é apenas uma ida do Pina ao terminal de Boa Viagem. Eu dizia para mim mesma: "você fez esta distância tantas vezes, você vai conseguir". Finalmente, ao entrar no Central Park, na altura do Guggenheim Museum, não pude mais conter as lágrimas. Fiz os últimos metros da corrida que era só alegria, satisfação, realização, contentamento. Difícil resumir em palavras. Uma maratona é isto e muito mais. Não importa o tempo. Não importa o cansaço. O que somente importa é que foram 42 quilômetros e 195 metros em Nova York!



Expediente

Arte Sensu é uma publicação da ADUFEPE - Associação dos Docentes da UFPE
Centro de Ciências Sociais Aplicadas - CCU - Recife/PE. Caixa Postal: 7853
CEP 50740-970 - www.adufepe.com.br - artesensu@adufepe.com.br

Responsável: Prof. Evson Malaquias
Jornalista: Hellem Olimpia (Reg. 1572)
Projeto gráfico: Gilmar Rodrigues

Ilustrações: Wílton Pontes e Gilmar Rodrigues
Tiragem: 2.500 exemplares